

## ANA MARIA MACHADO: UMA VIDA INTENSA REFLETIDA EM SUA OBRA

RIBEIRO, Alessandra Silva<sup>1</sup>  
BITTENCOURT, Paula<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda brevemente a vida de Ana Maria Machado, renomada escritora brasileira com vasta publicação nacional e internacional, e de sua atuação profissional com destaque a período de ditadura militar brasileira. Na sequência ocorre análise do livro de literatura infanto-juvenil “Passarinho me Contou”, com primeira edição em 1983, identificando traços de influência recebida ao longo de sua carreira, especialmente sua experiência com o período de opressão militar, refletido em sua literatura crítica. Sua formação é abordada neste artigo de forma sintética, a fim de demonstrar as variadas influências recebidas, às quais contribuem diretamente em sua obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Repressão. Prêmios; Ana Maria Machado.

### ABSTRACT

This article briefly discusses the life of Ana Maria Machado, renowned Brazilian writer with extensive national and international publication, and her professional activities, especially the period of the Brazilian military dictatorship. Following it is analysed the book of children and youth literature "Passarinho me Contou," with the first edition in 1983, identifying traces of influence received during her career, especially her experience with the military oppression period, reflected in her critical literature. Her formation is discussed in this article synthetically, in order to demonstrate the varied influences received, which contribute directly in her work.

**KEYWORDS:** Literature; Repression; Awards; Ana Maria Machado.

### INTRODUÇÃO

O tema abordado neste artigo fez parte de um projeto que analisou o livro *Passarinho me Contou* (2009), de Ana Maria Machado, bem como o apresentou, através de uma pesquisa-ação, sua leitura e interpretação textual a duas turmas de Ensino Fundamental de escola pública do município de Marília a alunos do 4º (quarto) e 5º (quinto) anos.

Como primeiro passo da pesquisa, optamos por levantar informações da vida da autora e sobre quais circunstâncias ocorreu sua formação, início de carreira e sua evolução ao longo dos anos. Somente após o levantamento dessas informações foi possível iniciar a análise do livro “Passarinho me contou” (2009), realizando um estudo mais criterioso e aprofundado do conteúdo de seu livro.

---

<sup>1</sup> Alessandra Silva Ribeiro é formada em Letras pela Universidade de Marília – UNIMAR – e graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista - FAIP – MARÍLIA/SP – BRASIL. alesilribeiro10@hotmail.com

<sup>2</sup> Paula Bittencourt é formada em Pedagogia pela UNESP de Marília, pós graduada em Artes pela USP e docente do curso de Pedagogia da FAIP de Marília. profpaula.faip@hotmail.com

Para levantamento das informações aqui apresentadas, recorreremos à: consulta a sites oficiais que abordam a vida da escritora, leitura comparativa de livros de sua autoria, análise criteriosa de dissertações e artigos que estudam sua obra, a fim de embasar com segurança, as informações apresentadas.

Algo que se destaca na forma como Ana Maria Machado narra, conforme cita Jacomel (2000), é a ideologia de seu discurso no resgate de fatos históricos de nossa sociedade, levando dessa forma o leitor a refletir sobre sua própria condição, uma vez que sua literatura não deixa para traz a realidade, escondendo-a por meio de um discurso moralizante e didático que não interage com o leitor, algo que comumente ocorria em geração de escritores anterior à de Ana Maria.

Para Vieira, “a literatura de Ana Maria Machado procura derrubar e denunciar a ideologia oficial dominante, destacando a necessidade de ouvir as várias vozes, muitas vezes silenciadas, que em conjunto formam a cultura e a história de um povo” (VIEIRA *apud* JACOMEL. 2000. p. 56).

A escritora busca, através de suas histórias, despertar o leitor para o mundo real, provocando nele indignação pelas situações vividas no cotidiano, tornando-o consciente de sua alienação social.

Contudo, para entender melhor o perfil ideológico da autora é importante resgatar sua história de vida, a fim de compreender melhor o que a levou a adotar tal estilo literário.

## VIDA E OBRA DE ANA MARIA

Conforme seu site oficial, Ana Maria Machado é brasileira e nasceu no dia 24 (vinte e quatro) de dezembro de 1941, em Santa Tereza, Rio de Janeiro. Tem um currículo extenso: foi pintora, professora e jornalista. É atualmente escritora, função que desempenha há mais de quarenta anos com mais cem livros publicados no Brasil e traduzidos, em idiomas, para vinte e seis países, totalizando mais de vinte milhões de exemplares vendidos.

Apresentada aos livros por seus pais na infância, a escritora descreve como ficou fascinada pelas histórias numa mensagem à FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil<sup>3</sup> traduzida e divulgada para 64 países:

---

<sup>3</sup> Em 2003, a FNLIJ foi a responsável pela preparação e divulgação da mensagem, composta pelo texto de Ana Maria Machado e pela ilustração de Rafael Fabrice Yockteng Benalcázar, que foi distribuída no mundo todo pelo Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil. – disponível em: [http://www.atica.com.br/images/materias/pdfs/Livros\\_AnaMaria1.pdf](http://www.atica.com.br/images/materias/pdfs/Livros_AnaMaria1.pdf)

Comecei a perceber que havia livro de todo tipo e dentro deles morava o infinito. A partir daí, pelas mãos de meus pais, fui conhecendo alguns deles, como Robinson Crusoe em sua ilha, Gulliver em Lilliput, Robin Hood em sua floresta. E descobri que as fadas, princesas, gigantes e gênios, reis e bruxas, os três porquinhos e os sete anões, o patinho feio e o lobo mau, todos eles velhos conhecidos meus das histórias que eu ouvia, também moravam em livros (MACHADO, 2003, p.1).

Tal depoimento é revelador em mostrar influências recebidas pela autora ainda na infância, influências que certamente contribuíram para sua formação. E se recorrermos novamente a seu site oficial, é possível saber que Ana Maria Machado iniciou sua carreira como pintora, estudando no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no MoMA – Museum of Modern Art (Museu de Arte Moderna) de Nova York, participando de salões de exposições individuais e coletivas no país e no exterior, ao mesmo tempo em que cursava faculdade de Letras. Formou-se em 1964 em Letras Neolatinas na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mesma universidade onde realizou sua pós-graduação. Após doze anos pintando decidiu dedicar-se ao ensino: trabalhou como professora nos colégios Santo Inácio e Princesa Isabel, ambos no Rio de Janeiro; lecionou Literatura Brasileira e Teoria Literária na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Após concluir sua graduação em Letras, Ana Maria viveu uma experiência educacional significativa, que influenciou de forma marcante sua arte. De acordo com Silva (2005, p. 20), a década de 60 foi social e culturalmente promissora: podemos destacar a construção de Brasília, criação do Teatro de Arena, criação da UNE (União Nacional dos Estudantes), reforma das bases da educação, discussão do método de Paulo Freire. Em contrapartida, grande parte da população era composta de analfabetos que não tinham acesso à cultura e arte. Educadores inconformados se mobilizaram para tentar amenizar essa situação elaborando e aplicando materiais de alfabetização para jovens e adultos. Entre eles estava Ana Maria Machado, que também colaborou atuando voluntariamente como professora, alfabetizando operários da construção civil em Copacabana.

No entanto, com o Golpe de 64 esse grupo de educadores passou a sofrer perseguições sob acusações de práticas subversivas. E a partir desse momento inicia-se a história de resistência de Ana Maria à ditadura militar. Ela continuou a colaborar secretamente com o movimento até 1968, quando ocorre o Ato Institucional nº 5<sup>4</sup>. Ana Maria foi presa junto a colegas e alunos. Partiu para exílio espontâneo na Europa, levando na mala várias histórias infantis que começou a escrever a convite da revista *Recreio*<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O AI-5 sobrepondo-se à Constituição de 24 de janeiro de 1967, bem como às constituições estaduais, dava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais.

<sup>5</sup> A revista *Recreio* é um periódico semanal da editora Abril e tem por objetivo divertir e educar as crianças e pré-adolescentes, público-alvo da publicação, trazendo curiosidades, quadrinhos, testes,

Mais tarde em 1988, é publicado “Tropical Sol da Liberdade”, da autora. Trata-se de um romance que descreve suas experiências vividas no período de ditadura militar. Nessa obra, Ana Maria Machado cria uma personagem feminina que vivencia dupla opressão: do regime político e do pensamento machista do período, na qual a mulher não tem voz nem vez.

No período de exílio na Europa, trabalhou para a revista *Elle* em Paris, na BBC<sup>6</sup> de Londres e atuou como professora de Português na Sorbonne<sup>7</sup>, sendo aluna de Roland Barthes<sup>8</sup> na *École Pratique des Hautes Etudes*<sup>9</sup> com a tese de doutorado em Lingüística e Semiologia à qual resultou o livro “Recado do Nome” abordando a obra de Guimarães Rosa.

Mesmo em meio a tantas atividades, continuou a escrever histórias infantis que vendia para a revista *Recreio*. E de volta ao Brasil no final de 1972 trabalhou por vários anos em diversos jornais do Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, *Globo*, *Jornal Brasil* e na *Rádio JB - Jornal Brasil* - atuou como chefe no setor de jornalismo por sete anos.

A experiência de Ana Maria com o jornalismo aproximou sua escrita da fala, uma característica do texto jornalístico, e esse fato permitiu-lhe atingir mais facilmente ao público infanto-juvenil. Suas histórias, antes escritas em revistas passaram a ser publicadas em livros. Em 1977 escreve “História Meio ao Contrário” recebendo por ele o prêmio João de Barro<sup>10</sup>. Em 1978, após a edição da história pela Editora Ática recebe o prêmio Jabuti<sup>11</sup>.

Uma das características das histórias de Ana Maria é a força feminina de suas personagens. No caso de “História Meio ao Contrário” (1982) a personagem principal:

É uma princesa bem às avessas das princesas que aparecem em histórias infantis tradicionais. Ela desafia a autoridade do pai e não quer se casar com o guerreiro que ele escolhera para ela. Conhece um vaqueiro e acaba sentindo-se atraída por ele, mas decide não ficar no reino e nem com o vaqueiro: ‘sai pelo mundo a fora’ para estudar, conhecer novos lugares, outras pessoas, outras realidades. Nessa atitude a princesa representa a autonomia da mulher que se livra das

---

piadas, etc. Teve suas primeiras edições publicadas em maio de 1969 que foram contínuas até o ano de 1981.

<sup>6</sup> A British Broadcasting Corporation (“Corporação Britânica de Radiodifusão”, mais conhecida pelo acrônimo BBC), é uma emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922.

<sup>7</sup> Uma das mais conhecidas Universidades do mundo, situada em Paris – França.

<sup>8</sup> Roland Barthes (Cherbourg, 1915 — Paris, 1980) foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês e influenciou a cultura francesa em meados do século XX

<sup>9</sup> (Escola Prática de Altos Estudos) criada em 1868 por um decreto do Ministro da Instrução Pública da França Victor Duruy, é um grande instituto de ensino superior, atualmente ligado ao Ministério do Ensino Superior da França. Está instalado em diferentes universidades, institutos e centros de pesquisa de Paris principalmente, mas também nas cidades de Montpellier, Bordeaux, Marseille, Lyon, Grenoble e Dijon.

<sup>10</sup> O prêmio João-de-Barro, dedicado a obras inéditas da literatura infantil e juvenil, é promovido desde 1974 pela Prefeitura de Belo Horizonte - MG. Uma de suas peculiaridades é a formação de dois júris distintos, sendo um adulto, composto por três especialistas em literatura infantil ou juvenil, e outro integrado por 11 alunos da Rede Pública de Belo Horizonte.

<sup>11</sup> O Prêmio Jabuti desde 1957 premia autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacassem a cada ano.

amarras às quais, cultural e historicamente, é presa: primeiro submissa ao pai e depois ao marido. (SILVA, 2005. p. 23)

Nesse livro, a ousadia da princesa é de fato contrária a padrões impostos socialmente que, repetidos em histórias infantis, tendem a reforçar sua perpetuação na sociedade. Nessa história, Ana Maria Machado rompe com tais arquétipos, através de sua linguagem envolvente, aproximada de seu público, semelhante à fala, uma das características do texto jornalístico. É válido lembrar que até 1980 Ana Maria Machado trabalhou nessa área, para em seguida dedicar-se exclusivamente à carreira de escritora, sua grande paixão.

Continuou escrevendo e recebendo prêmios. Entre eles temos: três Jabutis, Medalha Hans Christian Andersen, maior prêmio da literatura infanto-juvenil mundial (2000), o Príncipe Claus, em Holanda, o Iberoamericano SM de Literatura Infantijuvenil, em 2012, Prêmio Bienal de SP, João de Barros, O Melhor para o Jovem, Otavio de Faria, menções no APPLE (Association Por la Promotion Du Livre pour Enfants), Instituto Jean Piaget, em Genebra e Americas Award, nos Estados Unidos. É válido destacar que em 2003 é a primeira autora com significativa obra destinada ao público infantil eleita pela Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira de número um, substituindo o Dr. Evandro Lins e Silva. Durante o biênio 2012-2013 foi presidente da Academia Brasileira de Letras, sendo a segunda mulher na história a ocupar o cargo.

Ana Maria possui uma narrativa ideológica, uma forma singular de resgatar os fatos históricos de nossa sociedade utilizando para isso uma linguagem simples, questionadora e que leva o leitor a deixar seu estado de alienação. Podemos citar como exemplo a obra *Passarinho me Contou* (2009), livro da autora escolhido para ser utilizado em projeto aplicado em estudo através de uma pesquisa-ação, como descrito no início desse artigo, que apresenta em seu enredo um reino repleto de exuberâncias naturais, riquezas e belezas, cujo monarca está completamente alienado da difícil situação vivida por grande parte da população que ocupa o lado oposto do reino cercado por: miséria, analfabetismo, etc. O livro é, portanto, um retrato da atual situação dos brasileiros: de um lado encontra-se a riqueza, por vezes a futilidade e de outro a pobreza.

## **PASSARINHO ME CONTOU**

Nessa obra de Ana Maria Machado “Passarinho me contou”, cuja primeira edição é de 1983, o ponto alto da história se foca na despreocupação de um governo, representado pela figura de um monarca, que vê seu reino sob uma única perspectiva (suas riquezas), ignorando suas misérias. Contudo, isso não é logo evidenciado no texto, mas sim suas riquezas e a exaltação de suas belezas naturais.

Havia sol e mar. Muito sol. Muito mar. Com tudo o que costuma essas belezas acompanhar. Ilhas, praias, coqueirais, canoas e remo a vela, redes de pesca e de sono,

lagoas, conchas, peixes, jardins de algas, floresta de coral, brisa a soprar (MACHADO, 2009. p. 7).

Logo após há uma descrição sobre a riqueza de fauna e flora do lugar (semelhança do texto à carta de Pero Vaz de Caminha). A exaltação do lugar ganha mais força quando a autora faz uma referência à Canção do Exílio: “Passarinho me contou que tinha até palmeiras onde canta o sabiá” (MACHADO, 2009. p. 9), e estas citações, de acordo com Farah (2008, p. 219), mesmo não sendo graficamente marcadas para demonstrar sua origem, tem caráter laudatório, sendo o primeiro um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha registrando o surgimento do Brasil e a segunda, o poema de Gonçalves Dias “Canção do Exílio” demonstrando um sentimento romântico de exaltação pátria.

A descrição inicial enfoca as belezas, a magnitude do lugar. A utilização desses termos pela autora indica uma grandiosidade de um reino que aparenta, ao menos no início da história, belezas e maravilhas ao seu entorno. Contudo, a seguir o conflito da narrativa é apresentado pela autora, conflito não evidenciado inicialmente. O rei manda avisar que concederá um tesouro a quem resolver o problema do reino. Surgem de todos os lugares aventureiros e heróis dispostos a revolver o enigma. O rei os reúne na praça e conta a história do dia em que recebera um viajante cansado e com fome, que não demonstrara diante do monarca nenhum entusiasmo pelas belezas do reino. Dissera o viajante, que há muito tentava chegar ao palácio.

Há muitas gerações que alguém da minha família tenta chegar até o palácio da família real, Majestade. Nunca conseguimos. Eu sou o primeiro. Deixei minha mulher e meu filho pequeno e viajo há quase meio século. Mas consegui (MACHADO, 2009. p. 14).

Ana Maria Machado apresenta em suas histórias a ação de personagens que não se limitam à passividade diante de problemas. O Velho Viajante enxerga o problema do reino, ao contrário do rei. Seu diálogo com o monarca ressalta isso: “Deus me livre! Eu quero é sumir! Não aguento morar num reino com um problema desses” (MACHADO, 2009, p. 15).

Contrário a esse personagem (Velho Viajante), aparece, na figura do rei, a personificação da liderança apática, que demonstra claramente sua ignorância ao declarar para o viajante: “Este reino é um paraíso, não tem problemas” (MACHADO, 2009, p. 15).

De acordo com Farah (2008, p. 216) o Velho Viajante vem representar na história Passarinho me contou (2009) a voz da população que sofre opressão, pois é ignorada pelo poder público e vê como única saída de sua difícil situação ir para a capital buscar uma vida melhor, afinal, neste local é que circulam bens e serviços.

A conversa entre ambos continua com um convite do rei ao viajante para morar na capital do reino, mas o velho viajante se recusa afirmando que não gostaria de morar na capital maravilha dado a quantidade de problemas existente naquele reino. O rei, surpreso, pede que lhe conte qual era o problema do reino, mas o velho morre no mesmo instante. Mais tarde o monarca relata o fato a todos interessados

em resolver o problema do reino em troca do tesouro prometido (aventureiros que se reúnem na praça real para ouvir o rei): “Olhou bem no fundo dos meus olhos e caiu morto, bem na minha frente. Morreu do coração, o coitado. Só de pensar no tal problema” (MACHADO, 2009, p. 15).

A narração continua com o monarca, após contar seu diálogo com o viajante, dirigindo-se aos aventureiros afirmando não saber qual é o problema do reino, mas que os mesmos estavam lá para tentar descobri-lo e ao fazê-lo seriam muito bem recompensados. Após ouvirem a história do problema saem em busca da solução do mesmo: um dos aventureiros, denominado na história como Primeiro Cavaleiro, especialista em gigantes, percorre a floresta em busca de um, pensando ser esse o problema do reino, mas descobre várias riquezas: madeiras, resinas, plantas medicinais, enriquecendo-se com os recursos naturais do império. Da mesma forma outros dois cavaleiros: Segundo Cavaleiro e Terceiro Cavaleiro vão tentar resolver o problema do reino, mas apenas se apropriam de outras riquezas do local.

Os heróis individuais, estrangeiros ao reino, típicos de contos de fada, são incorporados ao texto, fazendo alusão à característica exploratória das colonizações pelas quais o Brasil vem sofrendo desde os primórdios de sua história, além de representar uma crítica velada à esperança messiânica, típica do povo brasileiro. Assim, deslinda-se mais um discurso presente no texto: o messianismo, que prevê um ‘herói’ como possibilidade de salvação para a pátria e, além disso, denuncia-se a falibilidade desse tipo de solução (FARAH, 2008 p. 218).

A terceirização do problema não apresenta nenhum resultado, conforme pontua Farah (2008). Tal mensagem fica evidente na história “Passarinho me Contou” (2009), na parte do enredo em que o rei, desanimado, vê diante de si muitos aventureiros prontos para agir, e junto aos mercenários destacam-se a figura de duas crianças: João e Maria. O rei manda chamá-los e descobre, após uma conversa com as crianças, serem os mesmos netos do velho viajante que havia morrido diante do imperador ao tentar falar sobre o problema do reino. São interrogadas pelo monarca sobre o motivo de terem conseguido chegar mais facilmente que seu avô ao reino. Os meninos atribuem o sucesso de sua viagem a uma carona num caminhão pau-de-arara.<sup>12</sup> O rei, não entendendo o que estavam dizendo pergunta se haviam encontrado muitas araras pelo caminho. Elas respondem: “Vimos nada. O senhor quer saber o que a gente viu? – perguntou Maria.” (MACHADO, 2009, p. 26). Diante da afirmação positiva do rei a história prossegue com a descrição das crianças.

O rei foi dizer que queria. Pra quê? De barriga cheia, João e Maria desandaram a contar coisas, falando ao mesmo tempo. E o rei só ouvia pedaços misturados de cada um, coisas assim: terra seca – gado morrendo – gente com fome – o rio secou – falta d’água – doença – enterro – de tão longe – inundação – acabou a comida – ponte caída – água carregou tudo – caminhão atolou – nada pra comer – o queijo batia de febre – o dono expulsou todo mundo – quatro horas de caminhão todo dia pra chegar no trabalho – picada de inseto – não tinha mais comida nenhuma – mordida de cobra – um besouro que se esconde na casa da gente e quando morde faz ficar doente até

<sup>12</sup> O avô de João e Maria apenas consegue chegar ao reino após uma peregrinação de quase meio século.

morrer – panela vazia – pé na lama – espinho arranhando – barriga roncando mais que o trovão – patrão mandou embora – rio envenenado – até os peixes morriam – plantava cana pros outros o dia inteiro e não tinha nenhum cantinho pra plantar comida pra ele – morrendo de fome – morrendo – fome – FOME... (MACHADO, 2009, p. 27).

O rei se irrita com as crianças e não quer mais ouvir. Sai do local bastante aborrecido após o monólogo das crianças. De acordo com Farah (2008, p. 216), a voz das crianças ecoa junto à voz de seu avô, o velho viajante, num discurso que revela o problema do reino. Ambas as gerações se unem num mesmo ideal, e juntas, atingem seu objetivo: serem ouvidas. Elas, desejando não incomodar o rei com um problema que supostamente era apenas delas decidem ir embora. Queriam escrever um bilhete, mas, como eram analfabetas, deixaram um recado para um passarinho:

Passarinho, diz pro rei que a gente não queria que ele ficasse aborrecido. Pede desculpas. – disse João. Diz também que a gente só queria contar o que viu na viagem. E foi ele mesmo que perguntou – disse Maria. É... e diz também que não estávamos querendo chatear ninguém com problema da gente – disse ainda João (MACHADO, 2009, p. 28).

No dia seguinte o passarinho voa até a janela do palácio e fica cantando o final do recado: “Problema-da-gente, problema-da-gente, problema-da-gente...” (MACHADO, 2009, p. 28). De acordo com Farah (2008) o canto curto do pássaro atua como um *insight* demonstrando o problema. A voz do passarinho também se junta às vozes anteriormente manifestadas ganhando forças e ecoando fundo na mente do rei.

Após ouvir aquele canto o rei resolve dispensar do reino todos os cavaleiros e super-heróis. A seguir fala ao primeiro ministro que seu reino tem muitos problemas, mas que o primeiro estava resolvido: ficar pensando que o reino era perfeito e que não havia problemas e que eles mesmos deveriam resolver seus próprios problemas, “Afinal, se o problema é da gente, a gente mesmo é que vai resolver. Afinal, também o tesouro é da gente” (MACHADO, 2009, p. 29).

A história termina com o rei e o primeiro ministro dialogando com mais pessoas que chegam e começam a contar seus problemas, discutindo e agindo com o propósito de resolvê-los. Um dos principais problemas é resolvido a partir de então: a alienação da liderança frente à dificuldade encontrada pelos menos favorecidos.

É interessante destacar, em Passarinho me contou (2009), que o problema do reino (grandes desigualdades sociais, má administração, miséria, entre outros) é apenas revelado quase no final da história, levando o rei a tomar medidas inúteis para sua solução com a contratação de cavaleiros dispostos a encontrar e resolver o problema do reino. Mas agindo dessa forma o monarca delega para mercenários a solução do problema do reino, apenas postergando-a. Somente no final da história o imperador percebe seu erro.

Tal fato ocorre para demonstrar que de nada adiantou delegar a terceiros a resolução de um problema que encontrava-se ali perto, e que logicamente deveria envolver a quem mais interessasse, ou seja, os habitantes do reino. E o mais interessante a ser frisado é que o imperador encontra as crianças junto aos cavaleiros mercenários que, de olho em recompensas, estavam dispostos a resolver o problema do reino. Isso demonstra que a solução estava bem acessível, não precisava se recorrer a outros: “Mas, de repente, ele viu duas crianças paradas na frente da fila de cavaleiros, olhando muito espantadas para aquela gente toda” (MACHADO, 2009, p. 22).

A história “Passarinho me contou” (2009) apresenta traços marcantes de uma literatura ideológica, política e reflexiva. A sociedade requer uma vida mais digna. Isso certamente ocorrerá com uma coletividade mais organizada. Entretanto são ações individuais que podem ganhar maiores proporções quando estimulam e incentivam através do bom exemplo. É essa a grande mensagem que Ana Maria Machado nos deixa com a história. Conforme pontua Pereira e Antunes (2004, p. 126), a experiência de Ana Maria Machado em períodos tão difíceis marcou sua literatura, cuja liberdade é uma das preocupações centrais de seus enredos. E neste livro a autora demonstra consciência dos progressos dos pais e do que ocorre com a população marginalizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características da obra de Ana Maria são peculiares devido à experiência de vida bastante diversificada da autora. Ao longo de sua vida profissional ela concilia uma carreira com outra: pintura com educação no início da carreira, educação com jornalismo no período da ditadura militar, jornalismo e literatura a partir do exílio.

Nota-se que Ana Maria teve diversas oportunidades de acesso à cultura desde muito cedo. A este conjunto incorpora-se a experiência de dor vivida pela ditadura, que irá marcá-la ao longo de toda a sua obra. De acordo com Jacomel (2000, p. 52) a ditadura militar causou cicatrizes dolorosas nas gerações de mulheres deixando como herança marcas da opressão/repressão que a história oficial não se preocupa em contar.

Diante do exposto acreditamos que investigar a vida e a obra de Ana Maria Machado não é somente necessário à nossa pesquisa, mas também é um contributo ao leitor e pesquisador da literatura brasileira, dado o interesse e a riqueza de sua obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARAH, Adriane Gomes. **Passarinho me contou: um canto polifônico.** Letras & Letras, Uberlândia 24 (2) 209-223, jul/dez. 2008 pp. 209-223

JACOMEL, Mirele Cristina Werneque. (2000) **Ana Maria Machado: uma voz entre a repressão e a resistência**: - on line. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/mirele.pdf> - acesso em 20 mai 2013

\_\_\_\_\_ **Livros: o mundo numa rede encantada**: on line. Disponível em:  
[http://www.atica.com.br/images/materias/pdfs/Livros\\_AnaMaria1.pdf](http://www.atica.com.br/images/materias/pdfs/Livros_AnaMaria1.pdf) - acesso em 25 mai 2013

\_\_\_\_\_ **Passarinho me contou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_ **Passarinho me contou**. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_ **História meio ao contrário**. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Claudiomiro Vieira da. (2005) **A reinvenção do passado em tropical sol da liberdade – dissertação de mestrado**: on line. Disponível em:  
[http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/4770/1/claudiomiro\\_dissertacao.pdf](http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/4770/1/claudiomiro_dissertacao.pdf) - acesso em 25 mai 2013.

Biografia: Ana Maria Machado: on line. Disponível em: <http://www.anamariamachado.com/> – acesso em 15 nov 2014